TRAJETÓRIAS LABORAIS NO RECÔNCAVO BAIANO NARRATIVAS E ENCONTROS INTERSECCIONAIS

Aparicio Marques Vieira [1], Juliana Dourado Bueno [2]

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é formular e analisar trajetórias laborais de pessoas que vivem no município de São Francisco do Conde BA, com a finalidade de compreender empiricamente o modo como as categorias de raça e gênero se entrecruzam nas experiências laborais e dão corpo ao que atualmente se convencionou chamar de interseccionalidade. Para recolher as narrativas foi empregada a metodologia da História Oral, lançando mão de instrumentos de pesquisa e análise, tais como entrevistas, oficina de fuxicos e construção de trajetórias laborais. O emprego das trajetórias laborais permite apreender, após colheita dos relatos biográficos, não somente o vínculo empregatício ao longo da vida, mas também os fatos biográficos que marcam as interrupções nas trajetórias produtivas, dentre as quais é possível citar o casamento, a geração de filhos e filhas, a separação e o cuidado com membros da família que estejam doentes. Com isso, buscamos mostrar que as esferas de produção e reprodução não devem ser tomadas de formas dicotômicas e separadas, e que as mulheres, e em especial as trabalhadoras negras, têm interrupções maiores em sua trajetória laboral. Consideramos que o município escolhido para a realização do estudo se constitui enquanto uns lócus privilegiados de análise, na medida em que conta, proporcionalmente, com uma das maiores populações negras no país, e também por abrigar um grande número de estudantes universitários guineenses. Os colaboradores e as colaboradoras da pesquisa são homens e mulheres, que residem em São Francisco do Conde, brasileiros, brasileiras e guineenses, acima de 18 anos, que estudam e/ou trabalham na UNILAB.

Palavras-chave:

Trabalho. interseccionalidade. trajetórias.

[1] UNILAB, IHL, Discente, e-mail: apariciomavieira@gmail.com
[2] UNILAB, IHL, Docente, e-mail: julidourado@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Há alguns anos, pensadoras e pensadores vêm refletindo acerca da relevância de se analisar os marcadores sociais da diferença a partir do entrecruzamento das categorias de classe social, gênero e raça/etnia que são tão caras aos estudos desenvolvidos pelas Ciências Sociais. Tal proposta emerge da realidade social que se coloca apontando-nos que não é possível homogeneizar as experiências dos grupos sociais de trabalhadores, mulheres, negros, na medida em que as mesmas apresentam peculiaridades.

Sueli Carneiro (2003), por exemplo, nos convida a reconhecer a diversidade no interior do grupo das mulheres, mostrando que as propostas universalistas nem sempre atingem as demandas das mulheres negras. Jurema Werneck e Fernanda Lopes (2009) também destacam a importância do entrecruzamento das categorias quando afirmam que as desigualdades entre indivíduos e grupos demandam abordagens diversificadas como condição essencial para sua redução (WERNECK; LOPES, 2009, p. 8). Desse modo, para concretizar o reconhecimento das especificidades, faz-se necessário um entrecruzamento das categorias de gênero, classe e raça/etnia, que nos permite verificar, dentre outros elementos, aspetos relacionados com a imagem das mulheres negras, a violência maior a que estas estão submetidas e a desigualdade salarial quando comparada à situação de mulheres brancas e homens negros. Este projeto de pesquisa segue a trilha das provocações das autoras e busca verificar empiricamente, por meio das trajetórias laborais, a forma como se entrecruzam as categorias de classe, gênero e raça/etnia evidenciadas nas narrativas de moradores do município de São Francisco do Conde/BA.

METODOLOGIA

No primeiro momento, fizemos uma revisão bibliográfica, a fim de aproximarmo-nos do tema proposto. Segundo Severino (2007), a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos e teses. Esta pesquisa foi realizada por meio de autores e autoras que falam a respeito dessa temática, fazendo um diálogo entre referências antigas e contemporâneas acerca do conceito de interseccionaliadade, dentre as quais é possível citar Simone de Beauvoir, Kimberley Crenshaw, Ângela Davis, Leila Gonzalez, Maria Odete Semedo, Patrícia Godinho Gomes, Miguel de Barros, são referências que nos ajudaram a aproximar da temática proposta no projeto de pesquisa, de analisar as trajetórias laborais de pessoas que residem e/ou trabalham em São Francisco do Conde/BA. No segundo momento realizamos a pesquisa qualitativa, como é um método que tem várias modalidades de estudos optamos por lançamento dos questionários online e entrevista presencial com moradores do recôncavo baiano.

Realizamos o questionário online, através do aplicativo “google forms”, uma ferramenta tecnológica que permite a criação das perguntas online para pesquisa a distância, fazer questões discursivas e solicitações de avaliações em escala numérica entre outras opções. Na base disso utilizamos esta aplicativo para obter algumas respostas do nosso projeto de pesquisa, lançamos os questionários através desta ferramenta, nos e-mails do nosso público alvo, professores, técnicos, terceirizados e estudantes, o lançamento do questionário online ajudou bastante na divulgação do projeto, onde participaram 17 pessoas, que responderam às perguntas lançadas e alguns manifestaram interesse em participar das entrevistas. No ano passado realizamos um projeto de extensão “mundo do trabalho em dialogo”, onde participei como monitor do projeto, que nos encontrávamos 15 de cada mês que foi muito importante na divulgação do nosso projeto, porque algumas pessoas conheceram a pesquisa através do projeto de extensão e vale ressaltar também que durante a pesquisa organizamos oficinas de fuxicos com objetivo de conversar com as pessoas sobre a suas trajetórias laborais e divulgação dos nossos projetos de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro momento encontramos através das bibliografias como o conceito de interseccionalidades é entendido em Guiné-Bissau e Brasil. De acordo com os autores e as autoras que consultamos na revisão bibliográfica, compreendemos que as mulheres e homens negros do recôncavo têm enfrentando diversas formas de opressão no mercado de trabalho e na sociedade. É válido destacar que muitas também, como forma de complementar a renda da família, vivem da mariscagem. E verificamos que a questão racial é percebida, onde as mulheres negras e homens continuam sendo subalternizados. Na Guiné-Bissau, alguns problemas em comum com o Brasil como apontam algumas literaturas que a gente já trabalhou, que o problema das mulheres e homens daquele país é a questão do género, classe e desigualdade social, os homens também na sociedade guineense são mais privilegiados em relação às mulheres, e existe também a diferença entre as mulheres de zona rural e urbana, esta diferença vai caracterizar na inferiorização das mulheres do campo como empregada doméstica.

O movimento feminista na Guiné-Bissau nasceu a partir de uma luta contra a dominação e de um processo revolucionário conduzidos contra o poder colonial português, em que as mulheres tiveram uma participação significativa. O discurso emancipatório promoveu as imagens das mulheres guineenses, mostrando a sua centralidade no processo da emancipação da sociedade em geral. “Seguindo os objetivos do movimento de libertação, as principais reivindicações do movimento feminista se concentraram na busca de melhores condições sociais e econômicas para as mulheres, como a luta contra determinadas práticas culturais ancestrais, tais como os casamentos precoces e as circuncisões” (GOMES, 2016, p.920).

O processo de luta contra a dominação do patriarcado proporcionou às mulheres brasileiras uma grande participação política e social, na luta para conseguir os seus direitos, a partir dos movimentos feministas. No mercado de trabalho existe uma grande disparidade de gênero, as mulheres ocupam um espaço de desvalorização de seu trabalho. Mesmo com o grande avanço das lutas por igualdade, o Brasil ainda mantém um sistema patriarcal, sobretudo no mercado de trabalho, na maioria das empresas onde as mulheres mesmo exercendo a mesma função, cumprindo a mesma carga horária tem seu salário desfasado em comparação ao salário de um homem. Esse fato não é mera ilustração, as diferenças salariais entre homens e mulheres em algumas empresas chegam a ser de até 30%, essa desvalorização da mão-de-obra feminina é algo intrínseca na sociedade brasileira, e contribui para manter um sistema opressor, onde as mulheres se veem obrigadas a estar cada vez mais se colocar uma categoria abaixo dos homens. Segundo Hirata et al (2003), as mulheres negras são as que mais sofrem no mercado de trabalho, muitas vezes, elas são obrigadas a fazer o trabalho doméstica para ganhar o salário para poder sustentar a renda familiar e cuidar da educação dos filhos. Com essa análise podemos compreender como a interseccionalidades pode ser entendido no Brasil, as mulheres brancas sofrem a opressão menos que a mulheres negras, e homens brancos estão em cima dos homens negros, mulheres brancas e negras no mercado de trabalho, e na base dessas hierarquização percebe-se que as mulheres negras tem mais demandas nas intersecção, sobretudo, sofre o machismo dos homens negros, podemos entender este intersecção do homem negro para mulher negra com Ângela Davis (2016), uma das primeiras mulheres a fazer a discussão do feminismo negro. Uma das suas críticas é voltada aos homens negros – ela salienta que o poder dentro da comunidade negra não pode ser somente para homens negros, deve pensar a questão do género, ela ataca o sistema de dominação do patriarcado.

No formulário que lançamos online para o nosso público, responderam 17 pessoas com idade entre 21 e 42 anos. Sendo, do total, cinco guineenses (três homens e duas mulheres) e 12 brasileiros (dois homens e 10 mulheres). Todas as pessoas se declararam negras. Dentre as ocupações dos pais, mães, avôs e avós dos sujeitos das pesquisas, é possível citar algumas delas, tais como petroleiro, dona-de-casa, trabalhadores rurais, comerciante, benzedeira, segurança, artesão, ganhadeira, caminhoneiro, professora, encanador, metalúrgico, bancário, auxiliar administrativo e camelô. As mães, a maioria delas são dona de casa, isso nos faz refletir como a divisão sexual de trabalho perpassa em diferentes esferas da vida social. Nas entrevistas

que realizamos, foram entrevistados 7 pessoas, 2 homens guineense e 4 mulheres brasileiras, um guineense trabalha aqui no Brasil como garçom de praia sem carteira assinada, outro não trabalhava, mas fez um relato muito importante, de como sua religião interferia na divisão sexual de trabalho. Entre as brasileiras, duas trabalham no setor terceirizado (uma na limpeza, outra no restaurante universitário da UNILAB), uma é técnica da própria instituição, e duas são estudantes quilombolas.

CONCLUSÕES

É muito importante fazer a pesquisa a respeito das trajetórias laborais de homens e mulheres negras, para refletir as consequências da colonização que perpassa as duas sociedades, Brasil e Guiné-Bissau, onde o racismo se expressa de forma diferente em cada sociedade. No Brasil o efeito do racismo reflete na vida dos homens e mulheres negras, que acaba por determinar os seus *status* perante a sociedade e reflete até no mercado de trabalho. Já na Guiné-Bissau, a marca da colonização deixou grande desigualdade no seio da sociedade, onde as mulheres ocupam mais os mercados informais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a FAPESB pelo financiamento deste projeto e por ter acreditado na tema proposto para pesquisa, sem esquecer da UNILAB, instituição na qual estamos vinculados, e sem esquecer da minha orientadora que durante este mês de pesquisa aprendi bastante com ela.

REFERÊNCIAS

BARROS, Miguel; SEMEDO, Maria Odete Costa. “A Participação das Mulheres na Política e na Tomada de Decisão na Guiné-Bissau - Da consciência, perceção à prática política", UNIOGBIS: 1.ed. outubro/2013.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe, tradução Heci Regin Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016. Modo de acesso: world wide web ISBN 978-85-7559-508-4 (recurso eletrônico)

FIGUEIREDO, Ângela ; GOMES, Patrícia Godinho. PARA ALÉM DOS FEMINISMOS: UMA EXPERIÊNCIA COMPARADA ENTRE GUINÉ-BISSAU E BRASIL, Florianópolis, 24 (3): 398, setembro/dezembro/2016. Acesso em: http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p909

GOMES, Patrícia Godinho. A Mulher guineense como sujeito e objeto do debate histórico contemporâneo: Excertos da história de vida de Teodora Inácia Gomes, Africa Development, Volume XLI, No. 3, 2016, pp. 71-95 © Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África, 2017

HIRATA, Helena. Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas / Marli Emílio (org.), Marilane Teixeira (org.), Miriam Nobre (org.), Tatau Godinho (org.). - São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da raça branca), volume

MORAES, Eunice Lea; Silva, Lúcia Isabel Conceição. Feminismo Negro e a Interseccionaliadade de Gênero, Raça e Classe, Cadernos de Estudos Sociais e Políticos, Rio de Janeiro, vol. 7, no 13, 2017.

RATTS, Alex. AS AMEFRICANAS: MULHERES NEGRAS E FEMINISMO NA TRAJETÓRIA DE LÉLIA GONZALEZ, 1ª. Ed. São Paulo: selo Negro, 2010, p. 69-70.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à Literatura /. Belo Horizonte, 2010. 451f: Il.